

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo
Les-Online

As Garotas Querem mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos Grupos de Lésbicas em Paris

*Las Chicas Quieren Más Que Solo Diversión: La
Geografía Alternativa de Espacios Lésbicos en
Paris*

*Girls Wanna Have More Than Fun: The
Alternative Geography of Lesbian Gathering in
Paris*

Katerina Stamatopoulou
Harokopio University. Athens - Greece
katerina.stamatopoulou@outlook.com

Como citar este artigo:
STAMATOPOULOU, Katerina. As Garotas Querem
mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos
Grupos de Lésbicas em Paris. **Revista Latino
Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 7-
43, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Garotas Querem mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos Grupos de Lésbicas em Paris

Las Chicas Quieren Más Que Solo Diversión: La Geografía Alternativa de Espacios Lésbicos en Paris

Girls Wanna Have More Than Fun: The Alternative Geography of Lesbian Gathering in Paris

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar a geografia urbana das lésbicas e, até certo ponto, da visibilidade queer em Paris. Em particular, o foco está nos lugares que as lésbicas e mulheres queer frequentam para se encontrar e interagir umas com as outras. Através da combinação de diferentes abordagens metodológicas, eu investiguei as mudanças que tem ocorrido no cenário LGBTQ+¹ Parisiense desde 2010 em relação ao fechamento de negócios pertencentes a lésbicas e a emergência de festas itinerantes e efêmeras, que passam pela cidade, especialmente do lado direito do rio Sena. A pesquisa histórica, a comunicação via internet e mídias sociais, novos locais de encontros de pessoas, redes informais e novas associações culturais ou festivas estão entre os fatores examinados em conjunto com os processos de gentrificação. O objetivo é apresentar os desenvolvimentos recentes e as novas estratégias que as lésbicas e mulheres queer tem utilizado para ‘ocupar’ o espaço urbano e estabelecer sua visibilidade pela cidade de Paris. Levando em consideração a heterogeneidade e multiplicidade das lésbicas e mulheres queer, eu sugiro que as festas LGBTQ+ interrompem o continuum do espaço público e tornam a visibilidade lésbica mais aberta, poderosa e onipresente.²

Palavras-Chave: Geografias lésbicas; LGBTQ+ festas itinerantes; Paris; visibilidade lésbica e queer.

Resumen

El artículo pretende presentar la geografía urbana de la visibilidad lésbica y, en cierta medida, queer en Paris. En particular, analizar los lugares que mujeres lésbicas y queer frecuentan para conocer e interrelacionarse unas con las otras. A través de la combinación de diferentes abordajes metodológicos, rastree los cambios que ocurren en el escenario LGBTQ+ parisense desde el 2010, relacionadas con el confinamiento de espacio comerciales lésbicos y el surgimiento de fiestas itinerantes y efimeras, en varios locales de la ciudad, espacialmente en la orilla derecha del río Sena. Investigaciones históricas, comunicación vía internet y medios sociales, nuevos espacios para conocer personas, redes informales y nuevas asociaciones culturales o festivas están entre los factores examinados en conjunto con los procesos de gentrificación. El objetivo es presentar los desarrollos recientes y nuevas estrategias que lésbicas y mujeres queer utilizan para “ocupar” el espacio urbano y establecer su visibilidad en la ciudad de Paris. Llevando a consideración la heterogeneidad y la multiplicidad de lésbicas y mujeres queer, surgió que las partes LGBTQ+ interrumpen el continuo heteronormativo del espacio público y vuelven la visibilidad lésbica más abierta, poderosa y omnipresente.

Palabras-Clave: Geografías lésbicas; fiestas itinerantes LGBTQ+; Paris; visibilidad lésbica y queer.

Katerina Stamatopoulou



Abstract

The article aims to present the urban geography of lesbian and, to some extent, queer visibility in Paris. In particular, the focus is on the places lesbian and queer women frequent in order to meet and interact with each other. Through the combination of different methodological approaches, I tracked down the changes which have occurred in the LGBTQ+³ Parisian scene since 2010 regarding the closing of lesbian businesses and the emergence of itinerant and ephemeral parties, which pass through the city, especially on the right bank of the Seine. Historical research, communication via Internet and social media, new venues for meeting people, informal networks and new cultural or festive associations are among the examined factors in conjunction with gentrification processes. The purpose is to present the recent developments and new strategies that lesbians and queer women have employed in order to ‘occupy’ the urban space and establish their visibility around the city of Paris. Taking into consideration the heterogeneity and multiplicity of lesbians and queer women, I suggest that LGBTQ+ parties interrupt the heteronormative continuum of public space and make the lesbian visibility more open, powerful and ubiquitous.⁴

Keywords: Lesbian Geographies; LGBTQ+ itinerant parties; Paris; lesbian and queer visibility.

Introdução

Onde estão as lésbicas em Paris? Esta pergunta estava gravada na minha mente quando comecei a investigar a existência de negócios lésbicos em Paris. A bibliografia tem mostrado que os lugares LGBTQ+ nas cidades (ocidentais) sempre tiveram um papel significativo na construção e promoção das identidades e comunidades (VALENTINE e SKELTON, 2003, p. 849-856). Entretanto, nos estágios iniciais da minha pesquisa, eu primeiro cheguei à conclusão de que muitos negócios lésbicos tinham fechado desde os últimos dados disponíveis em 2011 (CATTAN e CLERVAL, 2011). Seguindo a proposta de Gill Valentine de que os lugares “lésbicos estariam lá se você soubesse como procurar” (BELL e VALENTINE, 1995, p. 6), eu decidi colocar no centro da minha pesquisa as novas estratégias que as lésbicas e mulheres *queer*⁵ têm implementado para superar a falta de lugares onde elas

1 A sigla LGBTQ+ significa Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero e Queer. Eu ainda utilizo o símbolo de + para incluir outras formas como as pessoas se definem.

2 Eu gostaria de agradecer A Fundação Pública Alexander Onassis por me apoiar através de seu programa de bolsas ERASMUS+. Eu também gostaria de agradecer Aphrodite Koufagela por seu auxílio precioso na edição de partes deste artigo.

3 The LGBTQ+ acronym stands for Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer. I further use the plus symbol in order to include the continuing ways people define themselves as.

4 I would like to thank the Alexander Onassis Public Benefit Foundation for supporting me through its scholarship program and the ERASMUS+ Program. I would also like to thank Aphrodite Koufagela for her precious help in editing parts of this article.

5 Para os propósitos da minha pesquisa, eu percebi o termo ‘lésbica’ como uma forma dinâmica e orgulhosa de identificar-se em grupos em formação sob essa identidade. Além disso, eu uso o termo ‘mulheres queer’ com o mesmo sentido uma vez que, durante minha pesquisa, o termo ‘mulheres queer’ era interpretado por meus interlocutores em diversos contextos como uma cultura e um modo de viver e pensar além das identidades políticas rígidas.

pudessem se encontrar e interagir umas com as outras; onde pudessem flertar, se divertir e estar seguras. Portanto, estou muito interessada na capacidade das lésbicas e mulheres *queer* de construir novos espaços através de diferentes eventos festivos, onde sua resistência contra as reações, reflexões e comportamentos heteronormativos tomam um novo rumo, mais visível, poderoso e liberador.

Com este propósito e levando em consideração o principal obstáculo da minha pesquisa, a saber, o pouco tempo que eu estava em Paris e o fato de que eu não vivo lá atualmente, optei por uma combinação de diferentes abordagens metodológicas não apenas para melhor entender o caso de Paris, mas também para tentar mapear a geografia lésbica parisiense emergente. Primeiramente, meu trabalho depende grandemente de uma revisão bibliográfica extensiva em inglês e francês sobre as geografias das sexualidades e as geografias lésbicas. Eu também me apoiei em um grande número de fontes com o objetivo de investigar a trilha histórica sobre a visibilidade das lésbicas e mulheres *queer* em Paris através dos séculos.

Em segundo lugar, eu participei de eventos organizados por grupos LGBTQ+ como participante observadora durante o meu semestre ERASMUS+⁶ em Paris e realizei entrevistas com pessoas de duas organizadoras de festas LGBTQ+, Popin Gays e Barbi(e)turix. Uma das principais razões de eu ter optado por essas duas organizações é que a Popin Gays foi fundada em 1997 e figura entre as primeiras organizadoras de festas LGBTQ+ em Paris. Por outro lado, a Barbi(e)turix organiza uma vez por mês um dos eventos lésbicos mais populares de Paris, a festa “Wet for me” (Molhada por mim). Assim, me foi dada a chance de discutir a história e as mudanças das festas LGBTQ+ em Paris e ainda entender a emergência de festas itinerantes e efêmeras. O conjunto de perguntas padronizadas que eu tinha preparado para as entrevistas cobriam questões relacionadas à sua filosofia por trás da organização dos eventos, seus critérios para escolher os locais apropriados, seu público característico e seu posicionamento em relação às políticas de entrada. Além disso, eu solicitei a meus interlocutores que elaborassem questões específicas em relação ao impacto desses eventos na visibilidade e representação lésbica nos espaços públicos.

Terceiro, através da rede de contatos que eu consegui estabelecer, eu fui apresentada a quatro informantes em diferentes eventos, entretanto, nenhum deles quis realizar uma entrevista oficial. Ao invés disso, eu organizei quatro reuniões diferentes durante as quais nós discutimos em detalhe as razões pelas quais elas participavam de alguns desses eventos. Na época da pesquisa, Aurora tinha 38 anos de idade, ela estava trabalhando como comerciária e se identificou como *cis-lésbica*; Ana tinha 40 anos de idade, ela estava trabalhando na indústria musical e se identificava como *cis-lésbica*; Marie tinha 40 anos de idade e estava trabalhando como arquiteta no setor privado e se identificou como *cis-lésbica* e *cis-queer*; finalmente, Sabine tinha 26 anos de idade, estudava direito e se identificou como *cis-lésbica* e *cis-queer*. As

6 O Programa Erasmus+ é um programa de intercâmbio da União Europeia. Como estudante, eu fiquei hospedada no Departamento de Geografia da Université Paris-Est Créteil em Paris de janeiro a junho de 2016.



discussões me forneceram histórias e narrativas pessoais criteriosas em relação aos sentimentos de pertença, segurança e visibilidade das informantes em tais eventos e em Paris. Em particular, Aurora, Anne e Marie, devido às suas idades, foram encorajadas a comentar e fornecer mais informação em relação ao passado do cenário parisiense LGBTQ+.

Finalmente, ao juntar todos os dados que eu coletei durante o desenvolvimento da minha pesquisa, eu pensei que seria útil construir um mapa que ilustrasse a difusão espacial LGBTQ+ e principalmente a visibilidade lésbica pela cidade de Paris. Mesmo que eu não seja uma geógrafa e, portanto, não esteja familiarizada com o software geográfico de mapas, eu usei tabelas do Google Fusion. Para investigar os espaços que abrigavam tais eventos, eu conduzi uma pesquisa primária nas páginas do Facebook de grupos LGBTQ+; segundo, eu estudei um grande número de artigos escritos em guias parisienses ou páginas LGBTQ+ online; terceiro, eu considerei as descobertas valiosas do artigo de Cattán e Clerval (2011) e da tese de doutorado de Prieur (2015); quarto, eu usei minhas próprias anotações feitas durante minhas discussões não oficiais com quatro informantes-chave; finalmente, eu incorporei os espaços mencionados durante minhas entrevistas com as equipes Popin Gays e Barbi(e)turix.

O objetivo principal da minha pesquisa foi demonstrar que lésbicas e mulheres *queer* não estão passivas nem estáticas: pelo contrário, elas têm desenvolvido estratégias alternativas para preservar sua visibilidade e ‘direito à cidade’, especialmente no caso de Paris. Seguindo essa linha, o artigo objetiva mostrar como as ‘garotas são realmente capazes de divertir-se mais’, apesar dos espaços públicos de caráter heteronormativo. Nas seções abaixo, eu brevemente discuto os termos ‘lésbica’ e ‘mulheres *queer*’ e apresento uma revisão bibliográfica sobre as espacialidades lésbicas. Eu também apresento alguns pontos introdutórios em relação à França, as geografias francesas de sexualidades e mais particularmente me concentro na intersecção da homossexualidade feminina com a capital francesa no decorrer da história. Finalmente, apresento os resultados da minha pesquisa e concluo com as considerações finais.

Espacialidades Lésbicas

Nos estágios iniciais da minha pesquisa, eu considerei crucial capturar as diferentes abordagens das experiências lésbicas. Entretanto, tenho que admitir que não foi uma tarefa fácil de realizar. Da declaração de Monique Wittig (1992) “lésbicas não são mulheres” até o “continuum lésbico” de Andrienne Rich’s (1996), eu rapidamente entendi que a categoria ‘lésbica’ não é unidimensional. Além disso, movimentos políticos diferentes, como o separatismo lésbico, lesbianismo radical e o feminismo lésbico entre eles (PODMORE e TREMBLAY, 2015), bem como as críticas negras e pós-coloniais (LORDE, 1985), todos se utilizaram do termo ‘lésbica’ de formas diferentes no tempo e espaço.

A identidade lésbica fixa também tem sido contestada no contexto das teorias *queer*, na desconstrução do(s) gênero(s) e na emergência das identidades de diferentes gêneros. Além disso, é interessante ver como o termo



‘mulher’ também tem sido retrabalhado, assim como a questão de ‘quem é uma mulher’ não é certamente fácil de responder. Pensando sobre a teoria da performatividade de gênero de Butler (1990) juntamente com as práticas drag e F-M / M-F, ativismos lésbico-masculinizados e trans e teorias em geral fica evidente que as categorias de identidades de gênero tem sido recontextualizadas como transgressivas e fluidas através de diferentes contextos espaciais, temporais, sociais e históricos (HALBERSTAM, 1998; BOURCIER, 2002; NASH, 2010). O que está em jogo é o entendimento das experiências, culturas, espaços e formas de viver, amar, flertar, etc. das lésbicas como multidimensionais e suficientemente complexas para encaixar-se em uma categoria de gênero ou sexo.

O domínio da geografia tem-se engajado amplamente nas questões de exclusão/inclusão e marginalização, principalmente dentro do escopo das normas heteronormativas (BLIDON, 2011). Entre outras disciplinas, as teorias feministas, LGBT, *queer*, pós-colonial, crítica racial e geografias tem demonstrado que nossas experiências, ações e comportamentos no espaço são regulados pelas restrições impostas por nossas identidades de gênero, sexualidades, idade, classe, raça e deficiência (VALENTINE, 1993a; BROWNE, 2015, p. 253-255; OSWIN, 2008, p. 90-96; MAHTANI, 2014).

Em particular, a relação entre espaço e sexualidades que emergiram nos anos 80 e 90 foi examinada não apenas por geógrafos/as, mas também por planejadores/as urbanos/sociólogos/as em uma pletera de estudos em diferentes escalas espaciais nas áreas das geografias urbana e rural em relação aos espaços visíveis de gays e lésbicas, cidadania sexual e geografias *queer* (BELL e VALENTINE, 1999). Na verdade, apenas nos anos 80 os sociólogos urbanos tentaram mapear a comunidade gay, seus agrupamentos comerciais e guetos, no norte dos Estados Unidos (LAURIA e KNOPP, 1985). Entretanto, a maioria desses trabalhos tinham foco principal em homens gays. É um fato bem conhecido que a suposição essencialista de Castel (1983, p. 140) em relação à necessidade dos homens de reivindicar seu espaço, uma necessidade que as mulheres não possuíam, desencadearam de certa forma a proliferação de estudos sobre a visibilidade espacial lésbica. Mais particularmente, esses estudos se concentraram em como as lésbicas formam suas redes sociais e organização residencial, como e através de que meios elas se apropriam do espaço urbano e porque preferem investir em mais áreas contra-culturais na cidade (ADLER and BRENNER, 1992; ROTHENBERG, 1995; VALENTINE, 1995; PODMORE, 2001).

Essa primeira tentativa de examinar as espacialidades lésbicas separadamente, de uma forma que nem as geografias das sexualidades (principalmente as geografias gays), nem as geografias feministas puderam explorar ou entender as particularidades das experiências lésbicas (BROWNE e FERREIRA, 2015, p.1-2), resultou em uma crítica da heterossexualidade e heteropatriarquia dominante dos espaços diários tais como a casa, o local de trabalho, as ruas ou espaços comerciais (bares, clubes, restaurantes, supermercados). Na vida cotidiana, as lésbicas desempenham identidades múltiplas (VALENTINE, 1993b, p. 242) de acordo com os locais que elas frequentam como mães, filhas, empregadas, lésbicas e mulheres. O que isso significa para elas é que elas precisam constantemente esconder sua identidade

sexual em certos lugares para evitar comentários, comportamentos e reações lesbofóbicos, sexistas e misógenos (VALENTINE, 1993a).

A negociação de espaços cotidianos é, portanto, crucial para as lésbicas e mulheres *queer* uma vez que sua habilidade e liberdade de ser elas mesmas e sentirem-se seguras são frequentemente reprimidas pelas restrições impostas pelo olhar heteronormativo do espaço público. Gestos públicos de afetividade e intimidade entre duas mulheres podem levar à violência verbal ou física e discriminação. (NAMASTE, 1996). Nesse contexto, a intersecção de gênero e sexualidade revela os obstáculos que as lésbicas e mulheres *queer* têm que superar em todas as esferas, incluindo a espacial, política, legal e social. Entender a posição das lésbicas e mulheres *queer* no espaço urbano como “duplamente dominada” (CATTAN e CLERVAL, 2011) dentro do sistema heteropatriarca amplia nosso escopo na pesquisa de suas estratégias de reivindicar o espaço público e contestar seu caráter heteronormativo.

O Caso Francês: Preliminares

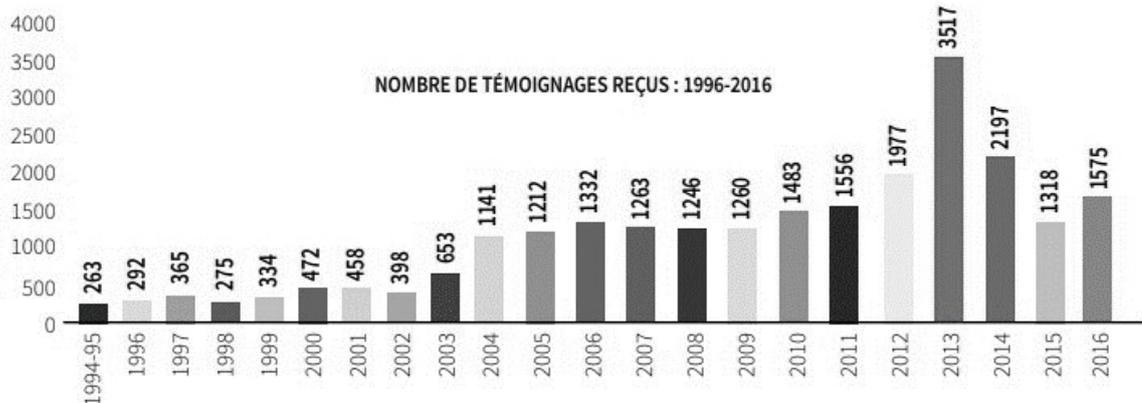
Discutir os direitos e identidades LGBTQ+ na França significa enfrentar paradoxos e ‘obsessões’. O republicanismo francês é conhecido por sua ‘obsessão’ com o “fato de que as identidades políticas e culturais podem co-existir sem prejudicar a unidade essencial da nação” conforme recentemente explicado por Joan Wallace Scott (2016). Isso invoca uma interpretação muito particular da dicotomia público/privado: no privado, podemos fazer o que queremos, ser o que quisermos ou dormir com quem quisermos. Mas o que dizer do público?

Levando em consideração o exposto acima, parece importante mencionar que somente no início dos anos 2000 a geografia francesa começou a se engajar com o tema do espaço e sexualidades. Como observado por Revenin (2007), assuntos relacionados às sexualidades foram marginalizados tanto dentro quanto fora da academia francesa, ou no máximo, estudados principalmente através da psiquiatria ou medicina, resultando em uma privação do seu contexto histórico. No campo da geografia, Marianne Blidon (2008; 2010), Stephane Leroy (2009), Rachele Borghi (2014) e Cha Prieur (2015) também observaram que gênero, sexualidade e etnia no contexto de espaço e lugar foram considerados questões muito não-espaciais ou menos espaciais do que realmente identidades incorporadas no espaço e lugar. Portanto, seu trabalho forneceu um conhecimento geográfico grande para as comunidades LGBTQ+ e certamente contribuiu com a emergência da disciplina das Geografias das Sexualidades Francesa além da hegemonia anglo-americana (BROWNE e FERREIRA, 2015, p. 11-13)

As recentes manifestações do Manif pour Tous [Protesto por Todos] na França demonstraram que as nações homogêneas não podem aceitar a ‘erosão’ da família nuclear heteropatriarcal. As associações católicas e organização de (extrema) direita protestaram na França (dezenas de milhares tomaram as ruas de Paris) para declarar sua discordância com a lei que favorecia a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo apresentada por Christiane Taubira e o governo de François Hollande. Sua negação e fúria com a promoção de direitos iguais tiveram severas consequências para as pessoas LGBT na

França. Em 2013, o ano em que a lei foi votada, o relatório anual da Associação SOS-Homophobie registrou um aumento de 78% no número de testemunhos relatando violência motivada pelo ódio contra as pessoas LGBT. A Gráfico 1 apresenta o número de testemunhos registrados de 1996 a 2016 (SOS-HOMOPHOBIE, 2017).

Gráfico 1: Número de testemunhos registrados de 1996 a 2016. Fonte: SOS-Homophobie, 2017, p. 18.



Outro levantamento sobre a visibilidade lésbica e a lesbofobia na França realizado em 2013 pela mesma associação, também apresentou conclusões interessantes (SOS-HOMOPHOBIE, 2015). Quarenta e cinco por cento das entrevistadas tinham enfrentado lesbofobia na esfera pública. Além disso, as participantes acrescentaram que sempre depende do contexto quando se trata de decidir a possibilidade de segurar as mãos (54%) ou beijar suas parceiras (53%) em público e 63% delas não demonstrava nenhum tipo de afeto a sua parceira em público por medo de ser confrontada com reações hostis (SOS-HOMOPHOBIE, 2015, p.29).

A mesma conclusão foi apresentada por Cattán e Leroy (2010) em sua pesquisa sobre as práticas e percepções do espaço público nas comunidades homossexuais de Paris. Enquanto os participantes heterossexuais afirmavam que o espaço público parisiense é razoavelmente permissivo e aberto aos gays e lésbicas, gays e lésbicas reclamavam o oposto. O que é certamente mais interessante é o fato de que os homens gays consideravam mais espaços como livres e/ou seguros em comparação com as lésbicas que normalmente se concentravam em partes específicas da cidade (CATTAN e LEROY, 2010, p. 17-18).

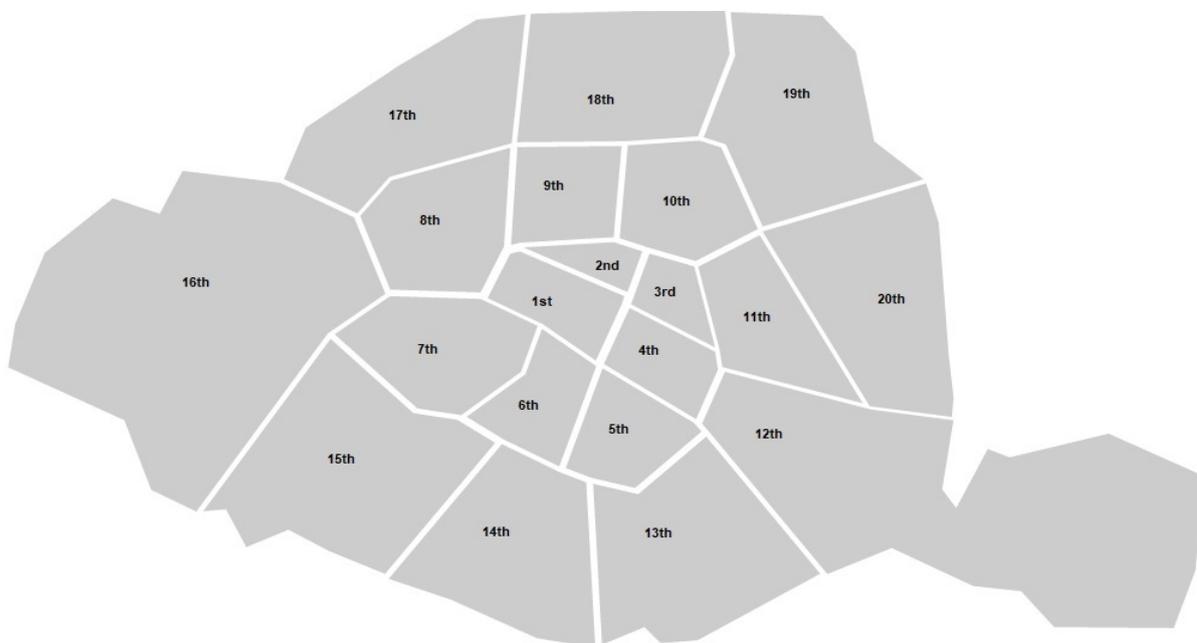
Como Nova Iorque, São Francisco, Londres ou Berlin, a capital francesa concentra a maioria dos locais LGBTQ+ (BLIDON, 2007). Historiadores já demonstraram como os homossexuais de Paris, até mesmo nos últimos anos do *ancient régime*, conseguiram estabelecer suas redes e locais em torno da cidade e ativamente participar da evolução da homossexualidade através de movimentos políticos e vida cultural e social (SIBALIS, 2002). Entretanto, em relação ao Marais, o bem conhecido bairro gay de Paris desde os anos 80, que

As Garotas Querem mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos

Grupos de Lésbicas em Paris

está localizado nos distritos 3º e 4º, a pesquisa tem demonstrado uma imagem onipresente: apesar de sua localização central e alta concentração dos principais espaços LGBTQ+, Marais permanece um bairro popular e bem caro que atrai não apenas os parisienses, mas também os turistas. Tanto Sibalís (2004) quanto Leroy (2005) enfatizaram as consequências da *pink* economia e explicaram como o consumismo gay está longe de alcançar a inclusão, principalmente em relação a gênero e raça. Seguindo a mesma linha, Cattán e Clerval (2011) observaram que para as lésbicas, Marais é o distrito onde um negócio pode prosperar financeiramente e um certo nível de segurança pode ser alcançado. Entretanto, Marais continua sendo um bairro gay grandemente dominado por homens gays, onde sua visibilidade pode estar em jogo, ou devido à lesbofobia interiorizada, ou devido a possíveis encontros com pessoas que não sabem sobre seu status sexual.

Figura 1: Os vinte distritos administrativos de Paris, também conhecidos em francês como ‘arrondissements’.



© K. Stamatopoulou

A Homossexualidade Feminina em Paris

Ao pesquisar arquivos, artigos e relatórios de pesquisas, descobri que no final do século XIX, as lésbicas tinham seus próprios espaços de reconhecimento nos salões privados da classe aristocrática, o teatro, ou os bordéis (CHOQUETTE, 2002; ALBERT, 2006; ROSE, 2009). No início do século XX e especialmente após a década de 20, bares como *Le Fétiche* ou *Chez Moune* (no 9º distrito), *Monocle* (no 14º distrito) e *La Vie Parisienne* (no 2º distrito) eram locais famosos por acolherem bem as lésbicas, onde a homossexualidade feminina florescia. No período entre guerras e imediatamente antes da ascensão nazista ao poder, Paris tinha se tornado um ponto de referência entre as pessoas LGBT, uma vez que os efeitos do período

Katerina Stamatopoulou

15

dos ‘*Années folles*’ ainda eram visíveis em toda a capital francesa (LEROY, 2005, p. 586; TAMAGNE, 1998, p. 49).

Além disso, as lésbicas tiveram um papel significativo nas demonstrações de maio de 1968 e eram ativas em todos os níveis sociais e políticos. As lésbicas participaram ativamente na *Front Homosexuel d’Action Revolutionnaire*, ao mesmo tempo que já tinham se organizado através do *Mouvement de Liberation de Femmes e das Gouines Rouges* (PREARO, 2010; SIBALIS, 2010, 2013). Pode-se argumentar que o movimento lésbico francês se formou principalmente após os anos 70 (PREARO, 2010; ver também o *website* da *Coordination Lesbienne en France*). Ao mesmo tempo, espaços diferentes emergiram, incluindo bares, clubes, e espaços culturais e políticos. A produção cultural lésbica se expandiu através da publicação de periódicos tais como *Questions Feministes* (1977-1980) e *Quand les Femmes s’aiment* (1978-1980) e da revista *Lesbia* (1982-2012). Livrarias tais como *Violette + Co* (no 11º distrito) e *Les Mots à la Bouche* (no 4º distrito) forneciam espaços onde a literatura e visibilidade lésbicas ainda são fortemente promovidas até hoje. Finalmente, O Festival de cinema *Paris International Lesbian and Feminist Film Festival* foi organizado pela primeira vez em 1989 pela Associação Cineffable, com o objetivo de promover a visibilidade lésbica através do cinema. O festival se constitui em um evento cultural único para lésbicas na França e no exterior.

Em relação à concentração espacial de ‘lésbicas’ em Paris, eu argumentaria que as lésbicas e mulheres *queer*, não alcançaram níveis de visibilidade semelhantes aos dos homens gays. O distrito de Marais, o gueto que acolhe gays em Paris, sem dúvida proporciona um sentimento de segurança, especialmente para as lésbicas (CATTAN e LEROY, 2010, p. 16). Entretanto, conforme Sibalis (2004) explica, Marais tornou-se objeto de crítica desde que sua posição central, alugueis baratos e preços de propriedades juntamente com a gentrificação, o transformaram em um bairro onde ‘todos’ vão, incluindo famílias e turistas. Portanto, mesmo que Marais tenha atraído a maioria dos negócios gays e lésbicos de Paris (LEROY, 2005; BLIDON, 2007) e tenha se tornado ponto de referência para a comunidade LGBT, ao mesmo tempo foi transformado em um distrito onde a economia *pink* floresceu e os comportamentos homonormativos emergiram (PRIEUR 2015).

Considerando os aspectos acima, eu gostaria de enfatizar que primeiramente e talvez mais importante, a existência de locais lésbicos é de muita importância: não apenas esses lugares são pontos de encontro de lésbicas e mulheres *queer*, onde elas se divertem, mas também locais onde elas se encontram e socializam com outras lésbicas, sentem-se seguras e livres para flertar, discutir e compartilhar e/ou criar suas experiências únicas sem ser constantemente sujeitas ao olhar heteropatriarcal e heteronormativo. Em particular, Chetcuti (2013, p.43-54) em sua pesquisa em Paris e Toulouse afirmou que os locais lésbicos são percebidos como “contra-espacos” [contre-espaces na obra original], especialmente porque as lésbicas experimentam a ausência do julgamento hétero de seu ‘status de lésbicas’. Além disso, embora Cattan e Clerval (2011) tenham observado que os locais lésbicos são negócios privados, que portanto “levanta a questão de acessibilidade a todos”, é também importante reconhecer que os locais lésbicos permitem a criação de novas

formas de sociabilidade e sentido de ‘pertença’ (MEREAU, 2002). Tais locais também representam diferentes identidades lésbicas, significando que diversas sub-categorias lésbicas existem de acordo com diferentes códigos de vestuário, estilos musicais, idade e assim por diante (COSTECHAREIRE, 2011).

Em seu estudo, Cattán e Clerval (2011) também enfatizaram a escassez de negócios lésbicos, incluindo bares e clubes. Elas investigaram as espacialidades lésbicas na periferia de Marais e explicaram a mudança de clubes a bares como uma mudança do lado esquerdo para o lado direito do rio Sena. Locais históricos como Katmandou, Rive Gauche ou Tango (La Boîte à Frissons) eram famosos entre as lésbicas de diferentes contextos sociais e econômicos. Entretanto, o que me intrigou durante minha pesquisa foi uma casa noturna chamada Pulp, que se localizou por dez anos (1997-2007) no bairro Grand Boulevards (no 2º distrito) do lado direito do Sena. A Pulp é reconhecida como um clube lésbico pioneiro onde as mulheres eram responsáveis pela música, pela entrada e pelo bar. A Pulp era também um ‘laboratório’ feminista liberal e em seus estágios iniciais não cobrava entrada, dessa forma tornando-a acessível a qualquer pessoa que se sentisse marginalizada e ‘excluída’ pela comunidade hétero e homossexual parisiense. Entretanto, durante as discussões com minhas interlocutoras sobre a herança da Pulp, fui informada não apenas do seu caráter revolucionário, mas também de seu elitismo. Parece que certas pessoas gozavam de privilégios especiais de acordo com o poder de seus relacionamentos com os proprietários. Mas o que pareceu mais interessante para mim foi o fato de que a Pulp também tinha uma dimensão espacial particular em relação ao seu público. Conforme Marie declarou “Às sextas, as lésbicas de Paris frequentavam a Pulp, enquanto que aos sábados, eram as lésbicas dos subúrbios”. Tal segregação entre Paris e os subúrbios [banlieues] é de grande importância uma vez que parece confirmar a existência de uma cultura suburbana. Quando eu pedi mais detalhes, minha informante respondeu que o jeito das lésbicas dos subúrbios se vestir, comportar e flertar eram bem diferentes dos hábitos das Parisienses’.

Embora tenhamos observado um declínio nos negócios lésbicos após 2000, com muitos deles fechando e alguns dos novos apenas funcionando por um curto período de tempo, novas estratégias têm sido empregadas pelas lésbicas e mulheres *queer* para ‘ocupar’ o espaço urbano e estabelecer sua visibilidade na cidade de Paris.

O Que Mudou?

Primeiramente, é importante entender a gentrificação em Paris como um processo de difusão espacial (CLERVAL, 2010). Inicialmente, nos anos 90 e especialmente após 2000, a gentrificação se concentrava principalmente na margem direita do Sena e transformou os distritos como 18º, 19º e 20º. A recuperação de prédios, novos polos de desenvolvimento urbano e econômico bem como um acesso aos parques tranquilos e aos canais onde os parisienses conseguem escapar da densidade urbana, estão entre as diferentes formas que a gentrificação tomou em Paris. Como veremos na próxima seção, a maioria dos locais onde os eventos festivos acontecem estão localizados na margem direita do Sena, uma vez que a gentrificação criou a capacidade de investimento em

espaços mais alternativos além da ‘burguesa’ margem esquerda do Sena ou região central, assim, mais locais turísticos e de grande visitação, tais como o Marais.

Segundo, os anos 2000 parecem ter sido a era dourada das culturas do “faça você mesmo”, durante a qual diferentes grupos começaram a criar formas mais criativas de se reunir, socializar e divertir-se juntos. Em particular, eu argumento que um aumento no número de grupos LGBTQ+ independentes e festas pop-up pode ser observado especialmente após 2004 e entre 2009 e 2015. Tais grupos organizam uma variedade de eventos de música alternativa e eventos culturais em torno da margem direita do Sena em Paris e atraem diferentes públicos. Nesse contexto, é importante enfatizar que alugueis e impostos altos bem como as restrições impostas pelo Estado francês em relação ao funcionamento de bares e clubes, estão entre as razões que desencorajam os grupos LGBTQ+ a investir em um certo espaço. Portanto, alugar um bar é mais fácil e barato uma vez que isso permite a cobranças de entradas e taxas de consumo mais baratas. Assim, conforme demonstrado por Cattán e Clerval (2011) e Prieur (2015) em seu mapeamento das festas lésbicas e *queer*, a visibilidade LGBTQ+ no espaço urbano parisiense foi também difundida quando os grupos LGBTQ+ foram bem sucedidos em acolher pessoas *queer* de todo o entorno da margem direita do Sena, mesmo em suas áreas suburbanas. Conforme observado por Barbi(e)turix “é nossa intenção realizar nossos eventos em bares e clubes que não se identificam como LGBTQ+”, dessa forma dando a oportunidade a lésbicas e mulheres *queer* de construir novos pontos de referência para sua visibilidade na cidade.

Terceiro, a internet revolucionou a forma como as pessoas se comunicam e se conectam global e localmente; isso também contribuiu para a construção de melhores redes e canais de informação através de páginas, blogs e mídias sociais. Por exemplo, durante minha pesquisa, eu usei o Facebook como minha primeira fonte de pesquisa para rastrear as atividades de diferentes grupos LGBTQ+. *Lez Community*, *LezGoOut*, *Yagg*, *la revue Well Well Well*, *Jeanne Magazine*, *SousLaJupe*, *Queer Paris*, *Barbi(e)turix*, *Collectif Fukthename-fuktn* estão entre as páginas que eu segui regularmente para obter informação em relação a eventos, festas, seminários e outras atividades através de seus calendários e informativos.

Considerando o exposto acima, na próxima seção apresentarei as descobertas que fiz durante minha observação participante nos eventos dos quais participei e das entrevistas que conduzi com as equipes da Popin Gays e *Barbi(e)turix*.

As Garotas Querem mais do que Diversão: Em Direção a Novas Geografias

Conforme mencionado anteriormente, embora eu não seja uma geógrafa, as tabelas do *Google Fusion* me proporcionaram as ferramentas básicas que me permitiram listar os espaços que hospedavam festas lésbicas ou receptivas às lésbicas e pessoas *queer* em Paris desde 2000 de acordo com sua localização (pontos) e illustrei sua concentração espacial em cada distrito (cores diferentes). Observando a figura 1, torna-se evidente que o lado direito do Sena é o

epicentro dos espaços que abrigam eventos lésbicos ou receptivos à mulheres lésbicas e *queer*, dessa forma confirmando o papel central da gentrificação no contexto da transformação espacial parisiense.

Figura 2: Difusão espacial das festas e eventos LGBTQ+ desde 2000..



© K. Stamatopoulou

Espalhando-se em partes dos distritos 3º e 4º, Marais, assim como todo “gueto” faz, fornece uma base para os organizadores de festas que investiram na área de diversas maneiras e especialmente ao abrigar seus eventos em bares e clubes centrais e populares que são receptivos a pessoas LGBTQ+. Esse é o caso dos eventos organizados regularmente em um único local. Além disso, a concentração que pode ser observada próximo ao distrito 13º é um exemplo excelente da sazonalidade desses eventos e os resultados do desenvolvimento urbano no distrito parisiense de Rive Gauche desde os anos 1990⁷: durante o verão, muitos eventos acontecem em espaços abertos como Wanderlust, Concrete ou Nuba. Finalmente, a difusão que ocorre em áreas mais periféricas juntamente com o investimento em espaços em áreas mais ricas nos leva a repensar as estratégias lésbicas e *queer* que, na falta de espaços lésbicos, criaram uma rede de territorialidades efêmeras e a chance de expandir na cidade.

Da perspectiva dos organizadores de festas, o espaço onde um evento é realizado é crucial. Tanto a equipe *Popin Gays* quanto a *Barbi(e)turix* insistiram no fato de que é sua prioridade escolher um lugar que primeiramente forneça um sentimento de segurança para seu público. Também, as duas equipes enfatizaram que tanto a mente aberta do proprietário quanto a capacidade do lugar de receber um grande número de pessoas são importantes. Além disso, o fato de que as festas *Barbi(e)turix* são realizadas em bares e/ou

clubes que não se identificam como LGBTQ+ constitui uma das principais razões de seu grande sucesso, de acordo com minha entrevistada.

Com relação ao preço dos seus eventos, Popin Gays enfatizou que é sua prioridade manter os preços baixos, desde entrada livre até uma entrada de 10€ (dez euros), enquanto Barbi(e)turix indicou que seus preços para as festas *Wet For Me* (molhada por mim) variam entre 10€ e 16€ (dez e dezesseis euros). Além disso, de acordo com diferentes tipos de eventos, as equipes escolhem os espaços apropriados, por exemplo, *Point Ephemere* (10º distrito) geralmente abrigam as festas de lançamento das novas fanzines *Barbi(e)turix's* com entrada franca e a *Machine du Moulin Rouge* (no distrito 18º) é o local de realização das festas *Wet For Me* (anteriormente era o *Cabaret Sauvage* no distrito 19º). A Popin Gays inicialmente realizava suas festas em locais mais distantes como Glazart, uma antiga rodoviária localizada na periferia do distrito 19º, próximo à estação de metrô Porte de la Villette, quanto que suas Apéro Poppingays eram realizadas em espaços mais centrais tais como Les Souffleurs (4º distrito) em Marais e suas festas *Queer as Pop no Klub* (distrito 1º).

Uma das características mais comuns no discurso de ambas equipes era sua persistência na música. Ambas enfatizavam que seu propósito é oferecer eventos de música alternativa em contraste à cultura pop tradicional, principalmente americana, que a maioria dos espaços em Marais promovia. Portanto, por um lado a *Popin Gays* decidiu investir na organização de shows independentes de rock e indie e festas juntamente com gêneros pop e eletrônico; por outro lado, a *Barbi(e)turix* investiu na promoção da música eletrônica e Techno e convidou mulheres e lésbicas francesas e estrangeiras como DJs. No caso da *Barbi(e)turix*, é fundamental entender que suas políticas de marketing, pôsteres e discursos estão principalmente concentrados na promoção de figuras lésbicas fortes, independentes e inspiradoras, o que certamente atrai lésbicas mais jovens. Isso, por sua vez, reflete uma mudança geracional de uma cultura lésbica fechada para atitudes mais abertas e visíveis. Nesse ponto, eu argumentaria que a *Barbi(e)turix* herdou a filosofia da Pulp em todos os níveis.

Finalmente, a *Popin Gays*, que iniciou suas atividades em 1997, direciona seus eventos à comunidade LGBTQ+ mais abrangente e seus amigos, uma vez que eles acreditam que “a música conecta as pessoas além de suas identidades sexuais”. Entretanto, minhas entrevistadas enfatizaram o fato de que as lésbicas sempre foram uma minoria na equipe *Popin Gay* e, portanto, tinham menos oportunidades de organizar eventos para promover sua própria visibilidade. Por outro lado, a *Barbi(e)turix* se identificava como “principalmente L”, L de lésbica, entretanto, seus eventos não eram para mulheres apenas: eles eram abertos a homens gays, lésbicas e mulheres *queer* e seus amigos, bem como a qualquer outra pessoa que soubesse “como se comportar e respeitar o espaço. Mesmo que a prioridade fosse sempre dada a lésbicas e mulheres”.

Discutindo sobre isso com a Anne que organizava e tocava como DJ nas festas ‘*Dyke Air*’ (2009-2015), ela concluiu que na falta de espaços lésbicos e por causa da insistência de outras organizadoras de festas no uso de música eletrônica e *Techno*, havia a necessidade de algo novo: algo primeiramente

dedicado e aberto às lésbicas, mulheres queer, e naturalmente, seus amigos. Como resultado, elas começaram a organizar festas regularmente em um único local, inicialmente no *Les Souffleurs* (distrito 4º) e mais tarde no *L'Acte 3* (distrito 3º). Portanto, elas proporcionavam às lésbicas a oportunidade de estar juntas e se divertir, socializar e conhecer pessoas em espaços centrais que não eram dominados por homens. Alguns de seus eventos eram organizados semanalmente, enquanto outros ocorriam uma vez por mês. Entretanto, ela insistiu no fato de que é frequentemente difícil corresponder completamente às responsabilidades que acompanham a organização de tais eventos, especialmente quando eles dependem do trabalho voluntário de membros da equipe. Na verdade, a maioria das organizadoras de festas LGBTQ+ utilizam seus próprios recursos e os membros de cada equipe se juntam voluntariamente. Entretanto, mais pesquisa é necessária para se ter uma visão melhor em relação à sua sustentabilidade financeira.

Do ponto de vista da minha informante, eu diria que os espaços onde um evento é realizado fornece uma excelente oportunidade de se expandir pela cidade, uma conclusão que completamente confirma as descobertas de Cattán e Clerval (2011) sobre as festas lésbicas. Entretanto, o que mudou é que durante minha estadia em Paris, eu nunca fui a uma festa exclusiva para lésbicas: algumas já não existiam mais ou tinham sido substituídas por novas festas que não eram exclusivas para lésbicas. Por exemplo, três das minhas quatro informantes-chave iam a festas tais como *Wet For Me*, *Kidnapping*, *Flash Cocotte*, *Jeudi OK*, *House of Moda* e *Peripate* regularmente. Eu diria que apenas duas dessas festas são regularmente frequentadas principalmente por lésbicas e mulheres queer, a *Wet For Me* e *Kidnapping*, enquanto que as outras são igualmente abertas a gays e pessoas queer. Nesse contexto e através das discussões com minhas informantes-chave eu concluí que redes pessoais e sociais tem um papel importante quando se trata de estar informado sobre quais festas são principalmente frequentadas por lésbicas. Além disso, uma capital cultural forte e muitos pontos de referência em comum com interesses musicais, estudos, códigos de vestimenta e profissões entre eles existem uma vez que cada evento atrai diferentes perfis de frequentadores de festas e clubes.

Com relação à idade do público, a *Barbi(e)turix* informou que variava entre 25 e 30 anos, enquanto que a *Popin Gays* indicou uma faixa etária entre 30 e 40 anos. Em ambos os casos, a faixa etária das organizadoras era entre 30 e 40 anos. No geral, embora a maioria dessas festas são dedicadas principalmente a lésbicas e mulheres queer jovens que geralmente amam música eletrônica e clubes, as lésbicas mais velhas (45-55 anos) vão a diferentes tipos de eventos tais como chás dançantes ou os *Aperos* que começam à tarde.

Quando a presença de casais foi investigada, Chetcuti (2013) afirmou que os casais lésbicos evitam os espaços comerciais tais como bares e clubes e na sua maioria preferem lugares mais quietos de socialização entre amigos íntimos. Isso, por sua vez, pode ser observado no discurso da *Barbi(e)turix*, uma vez que eles indicam que entre as principais razões pelas quais as lésbicas participam desses eventos é a possibilidade de conhecer pessoas novas. Isso foi também mencionado por Aurora, que na época da pesquisa estava desapontada com os aplicativos de encontro online e frequentava diversos eventos para “maximizar suas chances de encontrar novas parceiras.” Por outro lado, Anne e

Marie, que estavam em um relacionamento na época da pesquisa, participavam de menos eventos como a Wet For Me e preferiam frequentar eventos mais alternativos e/ou artísticos ou aproveitar uma bebida em lugares mais quietos tais como o bar Le 22 m2 – *Chez toi* ou *Chez moi* (3º) e *Les Souffleurs* (4º) ou festas à tarde na *la Folie* (distrito 19º).

Com relação à presença de gays, ambas equipes organizavam festas que eram abertas a eles. Especialmente durante os eventos *Barbi(e)turix's*, os membros da equipe sempre controlavam a entrada para ter certeza da segurança do espaço. Portanto, os homens gays eram bem-vindos sob uma condição: eles tinham que ser respeitosos. Além disso, todas as minhas informantes frequentavam festas com seus amigos gays e nenhuma delas defendia eventos fechados apenas para lésbicas. Em particular, Maria comentou o fato de que tais eventos deveriam ser abertos à comunidade LGBTQ+ mais abrangente como uma forma de melhorar e fortalecer as relações entre diferentes pessoas que sofrem pelo mesmo sistema heteronormativo e opressivo.

Entretanto, Prieur em sua tese de doutorado (2015, p. 181-196) observou que o ambiente queer em Paris está longe de alcançar a inclusão, com exceção do *Mutinerie*, que é um bar de propriedade coletiva auto-gerenciado, feminista e trans no distrito 3º. *Mutinerie* substituiu o *Unity bar*, outro bar lésbico, que foi fechado em 2012 e atraía muitas lésbicas, mulheres queer e pessoas trans. O *Mutinerie* não cobra entrada e abriga muitos eventos e oficinas. Ainda assim, projetos como o *Mutinerie* são muito frágeis em seu auto-gerenciamento. Por exemplo, em dezembro de 2017 fui informada que o bar não tinha dinheiro para custear trabalhos de construção de uma estrutura à prova de som. Entretanto, através de doações e festas de apoio, a mobilização e solidariedade das associações LGBTQ+ e organizadores de festas, a *Mutinerie* finalmente iniciou a construção em março de 2018. Em tal contexto, as festas *Afrodisiack*, que são realizadas cada Sábado no *Klub* (distrito 1º), convidam pessoas LGBTQ+ afro-caribenhas a juntar-se e divertir-se e reivindicam sua visibilidade não-branca dentro da comunidade LGBTQ+ parisiense.

Finalmente, a presença de casais heterossexuais é rara, mas é mais comum encontrar mulheres heterossexuais que, no desejo de evitar os olhares masculinos em contextos tipicamente heteronormativos, preferem se sentir mais seguras entre as lésbicas ou pessoas LGBTQ+ em tais festas. Entretanto, isso levanta a questão da segurança e conforto, especialmente para as lésbicas e mulheres queer que frequentam esses eventos não apenas para se divertir e sair, mas também para encontrar novas pessoas e companheiros em potencial (CASEY, 2004). Nesse contexto, é muito importante que as políticas de entrada sejam bem rígidas, com o objetivo de melhorar primeiramente a segurança e o conforto da comunidade LGBTQ+. Ainda assim, mais pesquisa é necessária.

Observações Finais

Para Doreen Massey, o espaço pode ser concebido “como o produto de inter-relações”, “como a esfera de heterogeneidade coexistente” (MASSEY, 2005, p.9). Em tal contexto, o espaço não é um objeto científico vazio e neutro

ou geométrico. Ao invés disso, o espaço tem suas raízes e significados próprios econômicos, históricos, sociais e políticos, em interseção com diferentes relações de poder em escalas espaciais e temporais distintas. Se o espaço tem o potencial de mudar através de ações sociais abrigar uma plethora de trajetórias complexas, a afirmação de Massey de que o espaço está “sempre em construção” amplia nossa visão e entendimentos e nos dá a habilidade de agir, apropriar-se de e romper com os regimes de conhecimento espacial.

Eu diria que o caso estudado neste artigo revela essa visão dinâmica do espaço. Mesmo que as lésbicas e mulheres *queer* tenham que superar obstáculos materiais e simbólicos para criar seus espaços além da heteronormatividade e do olhar heteropatriarcal, elas conseguiram construir seu próprio universo. Através do seu investimento nas territorialidades efêmeras, as lésbicas e mulheres *queer* podem ser vistas como pioneiras: do ponto de vista das organizadoras, as lésbicas têm provado que elas tem “recursos criativos para compensar pela falta de fornecimento comercial” (CATTAN e CLERVAL, 2011) e promover uma visibilidade lésbica mais inspiradora e forte, resultando na educação da nova geração de lésbicas e mulheres *queer* no exercício do seu ‘direito à cidade’. Do ponto de vista do público, essa mudança de espacialidades fixas às mais efêmeras, pode ser vista como uma oportunidade de expandir o acesso à Paris, estabelecer sua visibilidade no espaço público e reconstruir novas identidades lésbicas.

Nesse contexto e levando em consideração a importância de redes sociais pessoais, frequentemente informais entre as lésbicas e mulheres *queer*, eu penso que mais pesquisa ainda é necessária, particularmente em relação aos espaços que abrigam festas lésbicas e *queer* e festas que são receptivas a esses grupos em espaços que não se identificam como LGBTQ+. Isso nos leva, por um lado, a reconsiderar as razões dos espaços LGBTQ+ comerciais e de lazer estarem atualmente demonstrando um declínio em popularidade, não apenas em Paris, mas em outros locais também (BROWNE e BAKSHI, 2011). Por outro lado, eu sugiro que a socialização em espaços não-LGBTQ+ não é evidente para a maioria das pessoas que se auto-identificam no espectro LGBTQ+, uma vez que apenas certas sexualidades neoliberais e expressões e identidades homonormativas são aceitáveis em espaços heterossexualizados. Portanto, eu firmemente acredito que a pesquisa e a crítica recentes em relação à produção do espaço *queer* por todo o globo é igualmente importante. Nossas geografias deveriam sempre contestar as suposições essencialistas em relação aos corpos, gêneros, identidades e práticas sexuais, juntamente com raça, deficiências, idade e assim por diante (BROWNE, 2006; OSWIN, 2008). Por exemplo, no caso de Paris, deveríamos direcionar mais luz às experiências e espacialidades LGBTQ+ de pessoas de cor, especialmente mulheres e lésbicas que lutam contra o homonacionalismo neoliberal (FALQUET, 2011).

Finalmente, futuros estudos deveriam também concentrar-se nas geografias urbanas de lésbicas e a visibilidade *queer* em cidades menores, uma vez que as festas e eventos festivos não são apenas organizados em Paris, mas também em outros locais. Por exemplo, a *Barbi(e)turix* mais ou menos regularmente organiza eventos festivos em *Villeurbanne, Toulon, Lille e Lyon*.

O que se tornou claro para mim durante a minha pesquisa é que a forma como pensamos o espaço e as sexualidades realmente faz diferença. Ela reflete

As Garotas Querem mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos

Grupos de Lésbicas em Paris

nossos entendimentos de mundo, nossas atitudes em relação ao outro e nossas políticas; ela fornece a base para contestar o ‘não percebido’ e repensar o espaço além dos binários de oposição e exclusão. Finalmente, parece urgente desafiar nossos privilégios e abraçar a resistência *queer* de forma que a igualdade e a justiça espacial finalmente se tornem o ‘novo normal’.

Introduction

Where are the lesbians in Paris? This question was engraved on my mind when I started investigating the existence of lesbian businesses in Paris. Bibliography has shown that LGBTQ+ places in (western) cities have always played a significant role in constructing and enhancing identities and communities (VALENTINE and SKELTON, 2003, p. 849-856). However, in the initial stages of my research, I first came to the conclusion that many lesbian businesses had closed down since the last available data in 2011 (CATTAN and CLERVAL, 2011). Following Gill Valentine's proposition that "Lesbian places are there if you know what you are looking for" (BELL and VALENTINE, 1995, p. 6), I decided to place at the core of my research the new strategies that lesbians and queer women¹ have implemented in order to overcome the lack of places where they could meet and interact with each other; where they could flirt, have fun and be safe. Therefore, I am very interested in lesbians' and queer women's capacity to build upon new spaces through different festive events, where their resistance against heteronormative reactions, reflections and behaviors takes a new turn, more visible, powerful and liberating.

To this aim and taking into consideration the main obstacle of my research, namely the short time that I was in Paris and the fact that I don't currently live there, I opted for a combination of different methodological approaches in order not only to better understand the case of Paris, but also to try and map the emerging Parisian lesbian geography. Firstly, my work relies heavily on the extensive English and French literature review on geographies of sexualities and lesbian geographies. I further relied on a great number of sources with the aim of tracking down the historical trail regarding lesbians' and queer women's visibility in Paris throughout the centuries.

Secondly, I attended events hosted by LGBTQ+ groups as a participant observer during my ERASMUS+² semester in Paris and conducted interviews with two LGBTQ+ party organizers, Popin Gays and Barbi(e)turix. One of the main reasons I opted for these two organizers is that Popin Gays founded in 1997 and are amongst the first LGBTQ+ party organizers in Paris. On the other hand, Barbi(e)turix organize once a month one of the most popular lesbian

1 For the purposes of my research I perceived the term 'lesbian' as a dynamic and proud way of identifying oneself or forming groups under this identity. Moreover, I use the term 'queer women' interchangeably since, during my research, the term 'queer women' was interpreted by my interlocutors in several contexts as a culture and a way of living and thinking beyond strict identity politics.

2 The Erasmus+ Programme is a European Union student exchange programme. As a student I was hosted by the Department of Geography at the Université Paris-Est Créteil in Paris from January to June 2016.

events in Paris, the “Wet For Me” party. Hence I had been given the chance to discuss the history and the shifts of the LGBTQ+ partying in Paris and further understand the emergence of itinerant and ephemeral parties. The set of standardized questions which I had prepared for the interviews covered issues concerning their philosophy behind the organization of the events, their criteria in order to choose the appropriate spaces, their audience’s characteristics and their positioning regarding entrance policies. Furthermore, my interlocutors were asked to elaborate on specific questions regarding the impact of those events in lesbian visibility and representation in public space.

Thirdly, through the network I managed to establish, I was introduced to four key informants in different events, however none of them wished to conduct an official interview. Instead, I arranged four different meetings during which we discussed in detail about the reasons they attended some of the events. At the time of the research, Aurora was 38 years old, she was working as a retail employee and self-identified as cis-lesbian; Anne was 40 years old, she was working in the music production industry and self-identified as cis-lesbian; Marie was 40 years old, she was working as an architect in the private sector and self-identified as cis-lesbian and cis-queer woman; lastly, Sabine was 26 years old, she was studying Law and self-identified as cis-lesbian and cis-queer woman. These discussions provided me with insightful personal stories and narratives regarding informant’s feelings of belonging, safety and visibility in those events around Paris. In particular, Aurora, Anne and Marie, due to their age, were encouraged to comment and provide further information regarding the past of the LGBTQ+ Parisian scene.

Lastly, gathering all the data I had collected over the course of my research, I found it useful to construct a map that illustrated the spatial diffusion of LGBTQ+ and in particular lesbian visibility around the city of Paris. Even though I am not a Geographer and therefore not familiar with the geographical software for mapping, I used Google Fusion Tables. To track down the spaces that hosted those events, I conducted a primary research on LGBTQ+ groups’ Facebook pages; secondly, I studied a great number of articles written from either Parisian guides or LGBTQ+ websites; thirdly, I considered the valuable findings in Cattani and Clerval’s article (2011) and Prieur’s (2015) PhD thesis; fourthly, I used my own notes which I had taken during my unofficial discussions with four key informants; lastly, I incorporated the spaces mentioned during my interviews with the Popin Gays and Barbi(e)turix teams.

The main purpose of my research was to show that lesbians and queer women are neither passive nor static: instead, they have developed alternative strategies in order to preserve their visibility and ‘right to the city’, especially in the case of Paris. In the same line, the article aims to show how ‘girls are totally able to have more fun’, despite public space’s heteronormative character. In the following sections I briefly discuss the terms ‘lesbian’ and ‘queer women’ and present the literature review on lesbian spatialities. I also present some introductory points regarding France, the French geographies of sexualities and more particularly I focus on how female homosexuality intersects with the French capital throughout history. Later on, I present the findings of my research and proceed with the final remarks.

Lesbian Spatialities

At the initial stages of my research, I considered it crucial to capture different approaches to lesbians' experiences. However, I must admit that it wasn't an easy task to accomplish. From Monique Wittig's (1992) "lesbians are not women" to Andrienne Rich's (1996) "lesbian continuum", I quickly understood that the category 'lesbian' is not one-dimensional. In addition, different political movements, with lesbian separatism, radical lesbianism and lesbian feminism among them (PODMORE and TREMBLAY, 2015), as well as the black and post-colonial critiques (LORDE, 1985), all claimed the term 'lesbian' in multiple ways in time and space.

The fixed lesbian identity has also been contested in the context of queer theories, the deconstruction of gender(s) and the emergence of gender-diverse identities. Furthermore, it is interesting to see how the term 'woman' has also been reworked, as the question of who is a woman is certainly not a straightforward one. Thinking about Butler's (1990) gender performativity theory along with drag and FtM / MtF practices, transgender butches and trans activisms and theories in general, it is evident that the categories of gender identities have been reconceptualized as transgressive and fluid throughout different spatial, temporal, social and historical contexts (HALBERSTAM, 1998; BOURCIER, 2002; NASH, 2010). What is at stake is the understanding of lesbian experiences, cultures, spaces, ways of living, loving, flirting and so forth as multidimensional and complex enough to fit in one gender or sexual category.

The realm of geography has broadly engaged in issues of exclusion/inclusion and marginalization mainly under the scope of heteronormative norms (BLIDON, 2011). Amongst other disciplines, feminist, LGBT, queer, post-colonial and critical race theories and geographies have shown that our experiences, actions and behaviors in space are regulated by the restrictions imposed by our gender identities, sexualities, age, class, race and disability (VALENTINE, 1993a; BROWNE, 2015; OSWIN, 2008; MAHTANI, 2014).

In particular, the relation between space and sexualities which emerged in the 1980s and 1990s was examined not only by geographers, but also urban planners/sociologists in a plethora of studies on different spatial scales in the areas of urban and rural geographies regarding visible gay and lesbian spaces, sexual citizenship and queer geographies (BELL and VALENTINE, 1999). Indeed, it was not until the 1980s that urban sociologists attempted to map the gay community, its commercial clusters and ghettos, in the North of United States (LAURIA and KNOPP, 1985). However, the majority of these works were mainly focused on gay men; It is a well-known fact that Castell's (1983, p. 140) essentialist assumption regarding men's need to claim space, a need that women did not possess, triggered in a way the proliferation of studies on spatial lesbian visibility. More particularly, these studies focused on how lesbians form their social networks and residential organisation, how and through which ways they appropriate urban space and why they prefer to invest in more counter-cultural areas in the city (ADLER and BRENNER,

1992; ROTHENBERG, 1995; VALENTINE, 1995; PODMORE, 2001).

This very first attempt to examine lesbian spatialities separately, in a way that neither geographies of sexualities (mainly gay geographies), nor feminist geographies could explore or understand the particularities of lesbian experiences (BROWNE and FERREIRA, 2015, p.1-2), resulted in the critique of the dominant heterosexuality and heteropatriarchy of everyday spaces such as the home, the working place, the streets or commercial venues (bars, clubs, restaurants, supermarkets). In everyday life, lesbians perform multiple identities (VALENTINE, 1993b, p. 242) according to the places they frequent as mothers, daughters, employees, lesbians and women. What this means for them is that they constantly have to conceal their sexual identity in certain places in order to avoid lesbophobic, sexist and misogynistic comments, behaviors and reactions (VALENTINE, 1993a).

The negotiation of everyday spaces is therefore crucial for lesbians and queer women as their ability and freedom to be themselves and feel safe is often repressed by the restrictions imposed by the heteronormative gaze in the public space. Actions of public affection and intimacy between two women may lead to oral and/or physical violence and discrimination (NAMASTE, 1996). In this context, the intersection of gender and sexuality reveals the obstacles that lesbians and queer women have to overcome in all spheres, including the spatial, political, legal and social ones. Understanding lesbians' and queer women's position in the urban space as "doubly dominated" (CATTAN and CLERVAL, 2011) within the heteropatriarchal system broadens our scope in researching their strategies of claiming the public space and contesting its heteronormative character.

The French Case: Preliminaries

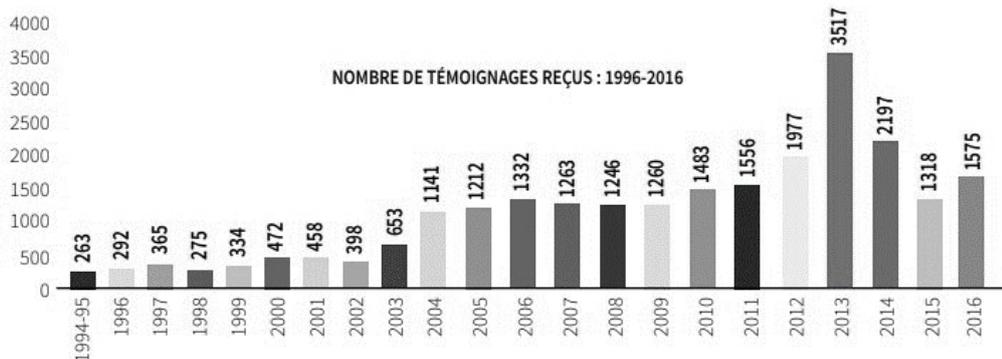
Discussing about LGBTQ+ rights and identities in France means facing paradoxes and 'obsessions'. French republicanism is known for its 'obsession' with the "fact that political and cultural identities can co-exist without damaging the essential unity of the nation" as Joan Wallace Scott (2016, s.p.) recently underlined. This invokes a very particular interpretation of the public/private dichotomy: privately, we can do whatever we want, be or sleep with whomever we want. But how about publicly?

In light of the above, it is worth mentioning that it wasn't until the early 2000s that French geography started to engage with the subject of space and sexualities. As Revenin (2007) noted, subjects on sexualities were marginalized both within and outside of French academia or, at best, studied mainly through psychiatry or medicine, resulting in a deprivation of their historical context. In the realm of geography, Marianne Blidon (2008; 2010), Stephane Leroy (2009), Rachele Borghi (2014) and Cha Prieur (2015) have also noted that gender, sexuality and ethnicity in the context of space and place were considered rather a-spatial or less spatial issues than actually embodied identities in space and place. Therefore, their work provided a great geographical knowledge for the French LGBTQ+ communities and certainly contributed to the emergence of the discipline of French Geographies of Sexualities beyond the Anglo-American hegemony (BROWNE and

FERREIRA, 2015, p. 11-13)

The recent *Manif pour Tous* [Protest for Everyone] demonstrations in France have shown that the homogeneous nation cannot accept the ‘erosion’ of the heteropatriarchal nuclear family. Catholic associations and (extreme) right-wing organizations protested around France (tens of thousands took the streets in Paris) in order to declare their disagreement concerning the law in favor of the legalization of same-sex marriage introduced by Christiane Taubira and the government of François Hollande. Their negation and anger to the promotion of equal rights had severe consequences for LGBT people in France. In 2013, the year the law was to be voted, the annual report of the SOS-Homophobie Association recorded a 78% rise in the number of testimonies regarding online hate-motivated violence against LGBT people. The chart below presents the number of testimonies recorded from 1996 to 2016 (SOS-HOMOPHOBIE, 2017).

Chart 1: The number of testimonies recorded form 1996 to 2016. Source: SOS-Homophobie, 2017, p. 18.



Another survey on lesbian visibility and lesbophobia in France conducted in 2013 by the same association, also concluded in some interesting points (SOS-HOMOPHOBIE, 2015). 45% of respondents had been confronted with lesbophobia in the public sphere. Furthermore, the respondents asserted that it always depends on the context when it comes to deciding whether to hold hands (54%) or kiss their partners (53%) in public and 63% of them did not show any type of affection towards their partner in public for fear of being confronted with hostile reactions (SOS-HOMOPHOBIE, 2015, p. 29).

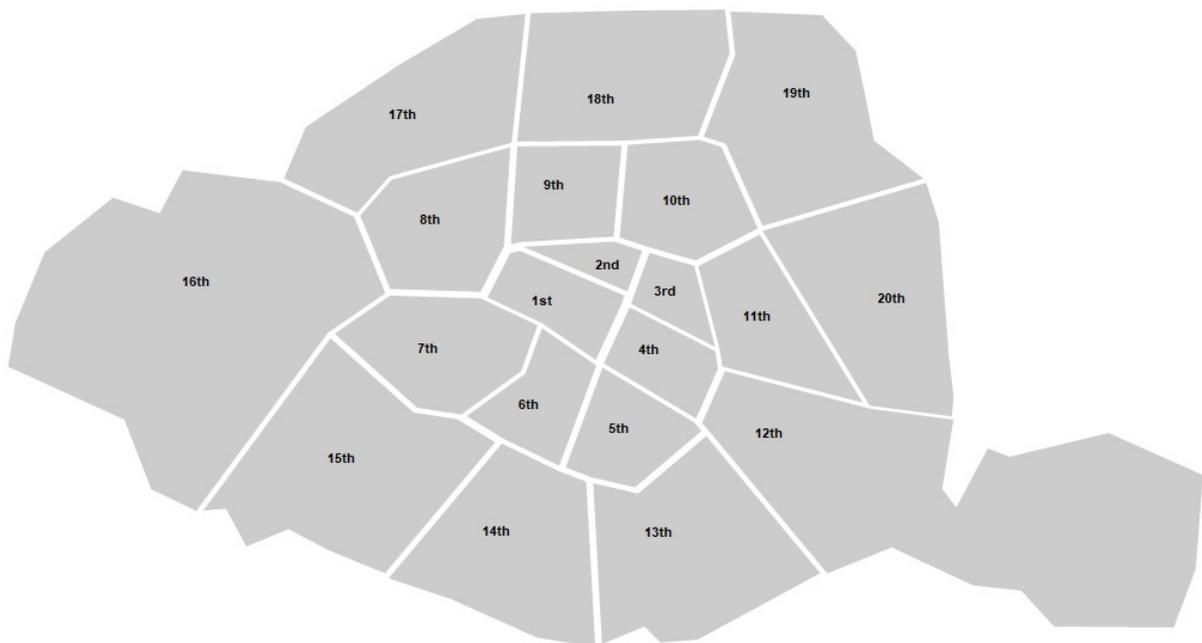
The same conclusion was made by Cattan and Leroy (2010) in their research on the practices and perceptions of public space in the homosexual communities of Paris. While heterosexual respondents claimed that the Parisian public space is quite permissive and open for gays and lesbians, gays and lesbians claimed the opposite. What is certainly more interesting is the fact that gay men considered more spaces as free and/or safe in comparison to lesbians who tended to concentrate around specific parts of the city (CATTAN and LEROY, 2010, p. 17-18).

As New York, San Francisco, London or Berlin, the French capital

Girls Wanna Have More Than Fun: The Alternative Geography of Lesbian Gathering in Paris

concentrates the majority of LGBTQ+ places (BLIDON, 2007). Historians have shown how homosexuals in Paris, even from the late years of the *ancien régime*, managed to establish their networks and places around the city and to actively participate in the evolution of homosexuality through political movements and social and cultural life (SIBALIS, 2002). However, regarding Marais, the well-established gay neighborhood of Paris since the 1980s, which is located in the 3rd and 4th arrondissements, research has shown a ubiquitous image: despite its central location and high concentration of mainly mainstream LGBTQ+ spaces, Marais remains a popular and quite expensive commercial neighborhood which attracts not only Parisians but also tourists. Both Sibalis (2004) and Leroy (2005) underlined pink economy's consequences and explained how gay consumerism fail to achieve inclusiveness, in particular with regard to gender and race. In the same line, Cattani and Clerval (2011) pointed that for lesbians Marais is the district where a business may financially thrive and a certain level of security can be achieved. However, Marais remains a heavily male dominated gay neighborhood where their visibility may be at stake either due to the interiorized lesbophobia, or due to possible encounters with people who do not know about their sexual status.

Figure 1: The twenty Parisian administrative districts, also known in French as arrondissements.



© K. Stamatopoulou

Female Homosexuality in Paris

Going through archives, articles and research papers, I found that at the end of the 19th century, lesbians had their own spaces of recognition in the private salons of the aristocratic class, the theatre, or the brothels (CHOQUETTE, 2002; ALBERT, 2006; ROSE, 2009). At the beginning of the 20th century and

Katerina Stamatopoulou

especially after the 1920s, bars such as Le Fétiche or Chez Moune (9th), Monocle (14th) and La Vie Parisienne (2nd) were famous lesbian and lesbian friendly places where female homosexuality flourished. In the Interwar Period and just before the Nazi rise to power, Paris had become a reference point among LGBT people as the effects of the 'Années folles' period were still visible around the French capital (LEROY, 2005, p. 586, TAMAGNE, 1998, p. 49).

Furthermore, lesbians played a significant role in the demonstrations of May 1968 and were active on all social and political levels. Lesbians actively participated in the Front Homosexuel d'Action Revolutionaire, while they had already been organized through the Mouvement de Liberation de Femmes and the Gouines Rouges (PREARO, 2010; SIBALIS, 2010, 2013). It can be argued that the French lesbian movement was mainly formed after the 1970s (PREARO, 2010; see also the website of the Coordination Lesbienne en France). At the same time, different spaces emerged, including bars, clubs, political and cultural spaces. Lesbian cultural production expanded through the publication of periodical journals such as the *Questions Feministes* (1977-1980) and *Quand les Femmes s'aiment* (1978-1980) and the magazine *Lesbia* (1982-2012). Bookshops such as the Violette + Co (11th) and Les Mots à la Bouche (4th) provided spaces where lesbian literature and visibility are still highly promoted to this day. Lastly, the Paris International Lesbian and Feminist Film Festival was organized for the first time in 1989 by the Cineffable Association: Aiming to promote lesbian visibility through cinema, it constitutes a unique cultural event for lesbians in France and abroad.

As far as lesbians' spatial concentration in Paris is concerned, I would argue that lesbians and queer women did not achieve similar levels of visibility as gay men. The district of Marais, the gay-friendly ghetto of Paris, undoubtedly provides a sense of security, especially for lesbians (CATTAN and LEROY, 2010, p. 16). However, as Sibalis (2004) explains, Marais has become the object of criticism since its central position, initial low rents and real-estate prices along with gentrification, have transformed it into a neighborhood where 'everybody' goes, including families or tourists. Therefore, even though Marais has attracted the majority of gay and lesbian businesses in Paris (LEROY, 2005; BLIDON, 2007) and has become a reference point for the LGBT community, at the same time it has transformed into a district where pink economy flourished and homonormative behaviors emerged (PRIEUR 2015).

Taking the above into consideration, I would like to highlight that first and foremost the existence of lesbian places is of great importance: not only are they places where lesbians and queer women party and have fun, but also places where they meet and socialize with other lesbians, feel safe and free to flirt, discuss and share and/or create their unique experiences without being constantly subjected to the heteropatriarchal and heteronormative gaze. In particular, Chetcuti (2013, p. 43-54) in her research in Paris and Toulouse asserted that lesbian places are perceived as "counter-spaces" [contre-espaces], especially because lesbians enjoy the absence of the hetero-judgment on their 'lesbian status'. Moreover, even though Cattan and Clerval (2011) noted that lesbian places are private businesses, which therefore "raises the issue of

Gathering in Paris

accessibility to all”, it is also important to acknowledge that lesbian places allow the creation of new forms of sociability and sense of ‘belonging together’ (MEREAU, 2002). These places also represent different lesbian identities, meaning that several lesbian ‘subcategories’ exist according to different dress codes, music styles, age and so forth (COSTECHAREIRE, 2011).

In their study, Cattan and Clerval (2011) also highlight the scarcity of lesbian businesses, including bars and clubs. They tracked down lesbian spatialities on the outskirts of Marais and explained the shift from clubs to bars as a shift from the Left to the Right Bank of Seine. Historical places such as the Katmandou, the Rive Gauche or the Tango (La Boîte à Frissons) were famous among lesbians of different social and economic backgrounds. However, what intrigued me during my research was a night-club called Pulp, which was located for ten years (1997-2007) at the Grand Boulevards’ neighborhood (2nd) in the Right Bank of Seine. The Pulp is presented as a pioneer lesbian club where women were in charge of the music, the entrance and the bar. The Pulp was also an open-minded feminist ‘laboratory’ and in its’ initial stages with no entrance fee, thus making it accessible to everyone who felt marginalized and ‘outcast’ by the hetero- and homo-sexual Parisian community. However, during discussions with my interlocutors about the heritage of Pulp, I was informed not only of its revolutionary character but also of its elitism. It seems that certain people enjoyed special privileges according to the power of their networks with the owners. But what seemed most interesting to me was the fact that the Pulp also had a particular spatial dimension regarding its audience. As Marie stated “On Fridays lesbians from Paris frequented the Pulp, while on Saturdays it was lesbians from the suburbs”. This segregation between Paris and the suburbs [banlieues] is of great importance since it seems to confirm the existence of a suburb culture. When I asked for more details, my informant replied that the ways in which lesbians from suburbs dressed, behaved and flirted were quite different from those of Parisians’.

Although we observe a decline in lesbian businesses after 2000, with many of them closing down and some of the newer ones operating only for a short period of time, new strategies have been employed by lesbians and queer women in order to ‘occupy’ the urban space and establish their visibility around the city of Paris.

What Changed?

Firstly, it is important to understand gentrification in Paris as a process of spatial diffusion (CLERVAL, 2011). Initially in the 1990s and especially after the 2000s, gentrification focused mainly on the Right Bank of Seine and transformed districts such as the 18th, 19th and 20th. Rehabilitation of buildings, new poles for urban and economic development as well as access to peaceful parks and canals where Parisians can avoid urban density, are amongst the different forms that gentrification took in Paris. As we will see in the next section, the majority of the venues where festive events take place are

Girls Wanna Have More Than Fun: The Alternative Geography of Lesbian

Gathering in Paris

located in the Right Bank of Seine, since gentrification created the capacity for investment in more alternative spaces beyond the ‘bourgeois’ Left Bank of Seine or central, hence more touristic and mainstream places, such as the Marais.

Secondly, the 2000s seem to be the golden era of the ‘Do It Yourself’ cultures, during which different groups started to come up with more creative ways of gathering, socializing and having fun together. In particular, I would argue that an increase of independent LGBTQ+ groups and pop-up parties can be observed especially after 2004 and between 2009 and 2015. These groups organize a variety of alternative music and cultural events around the Right Bank of Seine in Paris and attract different audiences. In this context, it is important to highlight that high rents and taxes as well as the restrictions imposed by the French state concerning the operation of bars/clubs, are among the reasons that deterred LGBTQ+ groups from investing in a certain space. Therefore, renting a bar is easier and cheaper as it allows for low entrance fees and consumption rates. Thus, as Cattani and Clerval (2011) and Prieur (2015) have shown in their mapping of lesbian and queer parties, LGBTQ+ visibility in the Parisian urban space is also diffused as LGBTQ+ groups achieved in welcoming queer folks all around the Right Bank of Seine, even in its suburb areas. As Barbi(e)turix noted “it is our intention to host our events in bars and clubs that do not identify as LGBTQ+” therefore giving the opportunity to lesbians and queer women to construct new reference points for their visibility around the city.

Thirdly, the internet revolutionized the way people communicate and connect globally and locally; it also contributed to the construction of better networks and information channels through websites, blogs and social media. For instance, during my research I used Facebook as my primary research tool in order to track down the activities of different LGBTQ+ groups. Lez Community, LezGoOut, Yagg, la revue Well Well Well, Jeanne Magazine, SousLaJupe, Queer Paris, Barbi(e)turix, Collectif Fukthename-fuktn are among the websites I regularly followed in order to gain information regarding events, parties, seminars and other activities through their calendars and newsfeed.

Taking the above into consideration, I will present the findings that I gathered during my participant observation in the events that I attended and the interviews I conducted with Popin Gays and Barbi(e)turix teams in the next section.

Girls Wanna Have More Than Fun: Towards New Geographies

As mentioned before, even though I’m not a Geographer, Google Fusion Tables provided me with the basic tools that allowed me to list the spaces that hosted lesbian, lesbian friendly and queer parties in Paris since 2000 according to their location (points) and illustrate their spatial concentration in each arrondissement (different shades). Looking at the map below (map 2), it becomes evident that the Right Bank of Seine is the epicenter of spaces hosting lesbian, lesbian friendly and queer events, thus confirming gentrification’s pivotal role in the context of Parisian spatial transformation.

Katerina Stamatopoulou



Girls Wanna Have More Than Fun: The Alternative Geography of Lesbian Gathering in Paris

Figure 2: Spatial diffusion of the LGBTQ+ parties and events since 2000.



© K. Stamatopoulou

Spreading across parts of the 3rd and 4th arrondissements, Marais, as all ‘gay ghettos’ do, provided a basis for party organizers who invested in the area in multiple ways and especially by hosting their events in central and popular LGBTQ+ friendly bars and clubs. This is the case for events organized on a regular basis at a single venue. Furthermore, the concentration that can be noticed around the 13th is an excellent example of the seasonality of these events and the outcomes of the urban development of the Paris Rive Gauche district since the 1990s⁵: during the summer many events take place in open spaces such as Wanderlust, Concrete or Nuba. Lastly, the diffusion which occurs around more peripheral areas along with the investment in spaces in more wealthy areas leads us to rethink lesbian’s and queer’s strategies who, in lack of lesbian spaces, created a network of ephemeral territorialities and were given the chance to crisscross the city.

From the perspective of party organizers, the space where an event is hosted is crucial. Both Popin Gays and Barbi(e)turix teams insisted on the fact that it is their priority to choose a space which primarily provides a sense of security for their audience. In addition, both teams underlined that both the owner’s open-mind spirit and the space’s capacity to host a great number of people are equally important. Moreover, the fact that Barbi(e)turix’s parties are hosted in bars and/or clubs that do not identify as LGBTQ+ constitutes one of the main reasons of their great success, according to my interviewee.

Regarding the prices of their events, Popin Gays highlighted that it is their

3 More information on Paris Rive Gauche can be found on <http://www.iau-idf.fr>.

priority to keep the prices low, from no entrance fee to 10€, while Barbi(e)turix indicated that the prices for their Wet For Me parties range between 10€ and 16€. Furthermore, according to different types of events, the teams choose the spaces appropriately: for example, Point Ephemere (10th) usually hosts the launch parties for Barbi(e)turix's new fanzines with no entrance fee and the Machine du Moulin Rouge (18th) is the venue that hosts the Wet For Me parties (before that it was the Cabaret Sauvage at the 19th). Popin Gays initially hosted their parties in more distant places such as Glazart, a former bus station located in the periphery of the 19th arrondissement, close to Porte de la Villette metro station, while their Apéro Popingays were hosted in more central spaces such as Les Souffleurs (4th) in Marais and their Queer as Pop parties in the Klub (1st).

One of the main common characteristics in both teams' discourse was their persistence on music. Both highlighted that their purpose is to offer alternative music events in contrast to the mainstream, mainly American, pop culture that most spaces in Marais promoted. Therefore, on the one hand Popin Gays decided to invest in organizing alternative, indie and rock independent concerts and parties alongside with pop and electro genres; on the other hand, Barbi(e)turix invested in the promotion of electro and techno music and invited women and lesbians as guest DJs from France and abroad. In the case of Barbi(e)turix, it is crucial to understand that their marketing policies, posters and discourse are mainly focused on the promotion of strong, independent and inspiring feminist and lesbian figures, which certainly attract younger lesbians. This, in turn, reflects a generational shift from an enclosed lesbian culture to more open and visible attitudes. At this point, I would argue that Barbi(e)turix inherited the Pulp's philosophy at all levels.

Lastly, Popin Gays, who started their activities in 1997, address their events to the broad LGBTQ+ community and its friends, as they believe that "music connects people beyond their sexual identities". However, my interviewee stressed the fact that lesbians were always a minority in Popin Gay's team and therefore had less opportunities to organize events in order to promote their own visibility. On the other hand, Barbi(e)turix self-identified as "principally L", meaning lesbian, however their events are not women-only: they are open to gay men, lesbians' and queer women's friends as well as to any other person who know "how to behave him/herself and respect the space. Yet priority is always given to lesbians and women".

Discussing about this with Anne who organized and played as a DJ in the 'Dyke Air' parties (2009-2015), she concluded that in lack of lesbian places and because of the other party organizers' insistence on electro and techno, something new was needed: something primarily addressed and open to lesbians, queer women and, of course, their friends. As a result, they started organizing parties regularly in a single venue, initially at Les Souffleurs (4th) and later at L'Acte 3 (3rd). Therefore, they provided lesbians with the opportunity of being and having fun together, of socializing and meeting people in central, not so male dominated spaces. Some of their events were organized on a weekly basis, while others occurred once a month. However, she insisted on the fact that it is often difficult to fully respond to the responsibilities that go hand-in-hand with the organization of such events,



especially when they are based on the team members' volunteer work. Indeed, the majority of the LGBTQ+ party organizers are self-financed and the members of each team engage themselves voluntarily. However, further research is needed in order to gain more insights regarding their financial sustainability.

From my informant's perspective, I would argue that the spaces where an event is hosted provide an excellent opportunity to crisscross Paris, a conclusion that fully confirms Cattán and Clerval's (2011) findings on lesbian parties. However, what has changed is that during my stay in Paris, I never attended a lesbians-only party: some of them no longer occurred or had been replaced by new parties that were not addressed to lesbians only. For instance, three out of my four key-informants attended parties such as Wet For Me, Kidnapping, Flash Cocotte, Jeudi OK, House of Moda and Peripate on a regular basis. I would argue that only two of these parties are regularly attended mainly by lesbians and queer women, the Wet For Me and Kidnapping parties, while the rest are equally open to gays and queer folks. In this context and through the discussions with my key-informants I concluded that personal and social networks play an important role when it comes to being informed on which parties are mostly frequented by lesbians. Moreover, a strong cultural capital and many common reference points with music interests, studies, dress codes and employment among them, exist since each event attracts different profiles of partygoers and clubbers.

With regard to the audience age, Barbi(e)turix indicated that it ranges between 25 and 30 years, while Popin Gays indicated an age range between 30 and 40 years. In both cases, organizers' age range is between 30 and 40 years. In general, even though the majority of these parties are addressed mostly to younger lesbians and queer women who generally love clubbing and electro music, older lesbians (45 – 55 years) attend different types of events such as tea dances or the Aperos which start early in the afternoons.

In regard to the presence of couples, Chetcuti (2013) affirmed that lesbian couples retire from commercial spaces such as bars and clubs and mostly prefer more quiet places of socialization amongst close friends. This in turn can be invoked in Barbi(e)turix discourse as they indicated that among the main reasons for which lesbians attend their events is the possibility of meeting new people. This was also mentioned by Aurora, who at the time of the research was disappointed by online dating apps and frequented several events in order to "maximize her chances to meet new partners." On the other hand, Anne and Marie, who were in a relationship at the time of the research, attended less events such as the Wet For Me and preferred to frequent more artistic and/or alternative events or enjoy a drink in more quiet places such as the bar Le 22 m2 – Chez toi ou Chez moi (3rd) and Les Souffleurs (4th) or early afternoon parties in à la Folie (19th).

As far as gay men's presence is concerned, both teams organize parties which are open to gay men. Especially during Barbi(e)turix's events, the members of the team always control the entrance in order to ensure the safety of the space. Therefore, gay men are welcome on one condition: they have to be respectful. Furthermore, all of my informants frequented parties with their gay friends and none of them argued in favor of closed, lesbians-only events.

Gathering in Paris

In particular, Marie commented on the fact that such events should be open to the broad LGBTQ+ community as it is a way to enhance and strengthen the relations between different people who suffer from the same heteronormative and oppressive system.

However, Prieur in his/her PhD thesis (2015, p. 181-196) noted that the queer milieu in Paris is far from achieving inclusiveness, with the exception of Mutinerie, which is a queer, feminist, trans, self-managed and collectively owned bar in the 3rd. Mutinerie replaced the Unity bar, another lesbian bar which was closed in 2012 and attracts many lesbians, queer women and trans people. Mutinerie has no entrance fee and hosts many different workshops and events. Nevertheless, projects like Mutinerie are quite fragile in their self-management. For example, in December 2017 I was informed that the bar does not have the money to fund sound-proofing construction work. However, through donations and support parties, the mobilization and solidarity of LGBTQ+ associations and party organizers, Mutinerie eventually started the construction work in March, 2018. In this context, the Afrodisiack parties, which are hosted every Saturday in the Klub (1st), invite Afro-Caribbean LGBTQ+ people to gather and party together and reclaim their non-white visibility inside the Parisian LGBTQ+ community.

Finally, the presence of heterosexual couples is rare but it is more common to meet heterosexual women who, wishing to avoid the male gaze in typical heteronormative contexts, prefer to feel safer among lesbians or LGBTQ+ folks in those parties. However, this raises the issue of safety and comfort, especially for lesbians and queer women who frequent these events not only for having fun and clubbing, but also for encountering new people and potential partners (CASEY, 2004). In this context, it is of high significance that the entrance policies are quite strict, aiming to enhance first and foremost the safety and comfort of the LGBTQ+ community. Nonetheless, further research is needed.

Final Remarks

For Doreen Massey, space can be conceived “as the product of interrelations”, “as the sphere of coexisting heterogeneity” (MASSEY, 2005, p.9). In this context, space is not an empty and neutral scientific and/or geometrical object. Instead, space has its own economic, historical, social and political roots and meanings, while it intersects with different power relations in distinct spatial scales and times. If space has the potential to change through social actions and host a plethora of complex trajectories, Massey’s assertion that space is “always under construction” broadens our view and understandings and gives us the ability to act, appropriate and disrupt the regimes of spatial knowledge.

I would argue that the case studied in this article reveals this dynamic view of space. Even though lesbians and queer women have to overcome material as well as symbolic obstacles in order to create their spaces beyond the heteronormative and heteropatriarchal gaze, they achieved to construct their own unique universe. Through their investment in ephemeral territorialities, lesbians and queer women can be seen as pioneers: from the organizers’

perspective, lesbians have proved that they have “creative resources to compensate for the lack of commercial supply” (CATTAN and CLERVAL, 2011) and promote a more inspiring and strong lesbian visibility, resulting in the education of the new generation of lesbians and queers in exercising their ‘right to the city’. From the audiences’ perspective, this shift from fixed to more ephemeral spatialities, can be seen as an opportunity to crisscross Paris, establish their visibility in the public space and re-construct new lesbian identities.

In this context and taking into consideration the importance of personal, often informal, and social networks among lesbians and queer women, I would argue that further research is needed, particularly regarding the spaces that host lesbian, lesbian friendly and queer parties in spaces that do not identify as LGBTQ+. On the one hand this prompts us to reconsider the reasons why LGBTQ+ commercial and leisure spaces are currently reporting a decline in popularity, not only in Paris but elsewhere as well (BROWNE and BAKSHI, 2011). On the other hand I would suggest that socializing in non-LGBTQ+ spaces is not evident for all people who self-identify in the LGBTQ+ spectrum, as only certain neoliberal sexualities and homonormative expressions and identities are acceptable in heterosexualized spaces. Therefore, I strongly believe that recent research and critique regarding the production of queer space around the globe is equally significant. Our geographies should always contest essentialist assumptions regarding bodies, genders, sexual identities and practices in conjunction with race, disability, age and so forth (BROWNE, 2006; OSWIN, 2008). For example, in the case of Paris we shall shed more light on the experiences and spatialities of LGBTQ+ people of color, especially women and lesbians who fight against the neoliberal homonationalism (FALQUET, 2011).

Lastly, future research shall also be focused on the urban geographies of lesbian and queer visibility in smaller cities since festive events and parties are not only organized in Paris, but elsewhere as well. For example, Barbi(e)turix on a more or less regular basis host festive events in Villeurbanne, Toulon, Lille and Lyon.

What it became clear to me during my research is that the way we think about space and sexualities really matters. It reflects our understandings of the world, our attitudes to others, our politics; it provides the ground for contesting the ‘unnoticed’ and rethinking space beyond oppositional and exclusionary binaries. Finally, it urges us to challenge our privileges and embrace the queer resistance in a way that equality and spatial justice will eventually become the ‘new normal’.



Referências / References

ADLER, S.; BRENNER, J. Gender and Space: Lesbians and Gay Men in the City. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 16, n. 1, p. 24-34. 1992.

ALBERT, N. De la topographie invisible à l'espace public et littéraire: les lieux de plaisir lesbien dans le Paris de la Belle Époque. **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, v. 4, n. 53-4, p. 87-105. 2006.

BELL, D.; VALENTINE, G. **Mapping Desire: Geographies of Sexualities**. London: Routledge, 1995.

BLIDON, M. Ville et homosexualité, une relation à l'épreuve de la cartographie. **Données Urbaines**, v. 5, p. 67-76. 2007.

_____. Jalons pour une géographie des homosexualités. **L'Espace géographique**, v. 37, n. 2, p. 175-189. 2008.

_____. Quartier gay et idéal républicain à la française, un débat mal posé. **Bulletin d'histoire politique**, v. 18, n. 2, p. 33-42. 2010.

_____. Seeking recognition: spatial justice versus heteronormativity. **justice spatiale | spatial justice**, n. 3, 2011. Available <<https://bit.ly/2UgTLJs>>. Accessed 09/11/2015.

BORGHI, R. L'espace à l'époque du queer: Contaminations queer dans la géographie française. **Revue PoliQueer**. Dimensions francofolles, 2014. Available <<https://bit.ly/2zSr5xN>>. Accessed 05/03/2016.

BOURCIER, M. Queer Move/ments. **Mouvements**, v. 2, n. 20, p. 37-43. 2002.

BROWNE, K. Challenging queer geographies. **Antipode**, v. 38, n. 5, p. 885-893. 2006.

_____. Contesting Anglo-american privilege in the production of knowledge in Geographies of Sexualities and Genders. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 250- 270. 2015.

BROWNE, K., BAKSHI, L. We are here to party? Lesbian, gay, bisexual and trans leisurescapes beyond commercial gay scenes. **Leisure Studies**, v. 30, n. 2, p. 179-196. 2011.

BROWNE, K.; FERREIRA, E. Introduction to Lesbian Geographies. In: BROWNE, K.; FERREIRA, E. **Lesbian Geographies. Gender, Place and Power**. London and New York: Routledge, 2015. p. 1-28.

BUTLER, J. **Bodies that Matter**. On the Discursive Limits of 'Sex'. London

and New York: Routledge, 1993.

CASEY, M. De-dyking Queer Space(s): Heterosexual Female Visibility in Gay and Lesbian Places. **Sexualities**, v. 7, n. 4, p. 446-461. 2004.

CASTELLS, M. **The City and the Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements**. London: Edward Arnold, 1983.

CATTAN, N.; CLERVAL, A. A right to the city? Virtual networks and ephemeral centralities for lesbians in Paris. **justice spatiale|spatial justice**, n. 3, 2011. Available <<https://bit.ly/2UgTLJs>>. Accessed 09/11/2015.

CATTAN, N.; LEROY, S. La ville négociée: les homosexuel(le)s dans l'espace public parisien. **Cahiers de géographie du Québec**, v. 54, n. 151, p. 9-24. 2010.

CHETCUTI, N. **Se dire lesbienne. Vie de couple, sexualité, représentation de soi**. Paris: Editions Payot & Rivages, 2013.

CHOQUETTE, L. Homosexuals in the City: Representations of Lesbian and Gay Space in Nineteenth-Century Paris. **Journal of Homosexuality**, v. 41, n. 3-4, p. 149-167. 2002.

CLERVAL, A. The spatial dynamics of gentrification in Paris: a synthesis map. **Cybergeog: European Journal of Geography**, 2011. Available <<https://bit.ly/2Pv5Mas>>. Accessible 01/06/2016.

COSTECHAREIRE, C. Une approche ethnographique des différentes manières de vivre l'homosexualité au sein d'une discothèque lesbienne. **Labrys-Etudes féministes**, n. 19, 2011. Available <halshs-00584930>. Accessed 05/05/2016.

FALQUET, J. Lesbiennes migrantes, entre hétéro-circulation et recompositions néolibérales du nationalisme. **Recueil Alexandries, Collections Esquisses**, n. 22, 2011. Available <<https://bit.ly/2EdfdJJ>>. Accessed 01/06/2016.

HALBERSTAM, J. Transgender Butch: Butch/FTM Border Wars and the Masculine Continuum. **GLQ**, v. 4, n. 2, p. 287-310. 1998.

LAURIA, M.; KNOOP, L. Towards an analysis of the role of gay communities in the urban renaissance. **Urban Geography**, v. 6, n. 2, p. 152-169. 1985.

LEROY, S. Le Paris gay. Éléments pour une géographie de l'homosexualité. **Annales de Géographie**, v. 6, n. 646, p. 579-601. 2005.

_____. La possibilité d'une ville. Comprendre les spatialités homosexuelles en milieu urbain. **Espaces et sociétés**, v. 139, n. 4, p.159-174. 2009.

LORDE, A. I Am your Sister. Black Women Organizing Across Sexualities. In: BYRD, R.; BETSCH COLE, J.; GUY-SHEFTALL, B. **I Am Your Sister: Collected and unpublished writings of Audre Lorde.** Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 57-63.

MAHTANI, M. Toxic geographies: absences in critical race thought and practice in social and cultural geography. **Social & Cultural Geography**, v. 15, n. 4, p. 359-367, 2014.

MASSEY, D. **For Space.** London: Sage, 2005.

MEREAU, J. 'Les Originales, un bar de femmes'. **Socio-anthropologie**, n. 11, 2002. Available <<https://bit.ly/2SGcoEX>>. Accessed 05/05/2016.

NAMASTE, K. Genderbashing: Sexuality, Gender, and the Regulation of Public Space. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 14, n. 2, p. 221-240. 1996.

NASH, C. Trans geographies, embodiment and experience. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 17, n. 5, p. 579-595. 2010.

OSWIN, N. Critical geographies and the uses of sexuality: deconstructing queer space. **Progress in Human Geography**, v. 2, n. 1, p. 89-103. 2008.

PODMORE, J. Lesbians in the crowd: gender, sexuality and visibility along Montréal's Boul. St-Laurent. **Gender, Place and Culture**, v. 8, n. 4, p. 333-355. 2001.

PODMORE, J.; TREMBLAY, M. Lesbians, Second-Wave Feminism and Gay Liberation. In: PATERNOTTE, D.; TREMBLAY, M. **The Ashgate Research Companion to Lesbian and Gay Activism.** Farnham: Ashgate, 2015. p. 121-134.

PREARO, M. Le moment 70 de la sexualité : de la dissidence identitaire en milieu militant. **Genre, sexualité et société**, n. 3, 2010. Available <<https://bit.ly/2A1BUxV>>. Accessed 15/04/2016.

PRIEUR, C. **Penser les lieux queers:** entre domination, violence et bienveillance: Etude à la lumière des milieux parisiens et montrealais. 2015. PhD Thesis (École doctorale de Géographie de Paris) – Université Paris-Sorbonne, Paris.

REVENIN, R. Les études et recherches lesbiennes et gays en France (1970-2006). **Genre & Histoire**, v. 1, 2007. Available <<https://bit.ly/2PvdAJk>>. Accessed 29/05/2016.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: JACKSON, S; SCOTT, S. **Feminism and sexuality: A Reader.** New York: Columbia

University Press, 1996. 130-141.

ROSE, D. Paris Lesbos. **Journal of Lesbian Studies**, v. 13, n. 4, p. 362-372. 2009.

ROTHENBERG, T. 'And She Told Two Friends': Lesbian Creating Urban Social Space. In: BELL, D.; VALENTINE, G. **Mapping Desire: Geographies of Sexualities**. London: Routledge, 1995. p. 166-181.

SCOTT, J. The Veil and the Political Unconscious of French Republicanism. **Orient XXI**, 2016. Available <<https://bit.ly/2PvCXLl>>. Accessed 27/04/2016.

SIBALIS, M. 'La lesbian and gay pride' in Paris : community, commerce and carnival. In: CAIRNS, L. **Gays and Lesbian Cultures in France**. New York : Peter Lang, 2002. p. 51-66.

_____. Urban space and homosexuality: the example of the Marais, Paris, gay ghetto. **Urban Studies**, v. 41, n. 9, p. 1739-1758. 2004.

_____. L'arrivée de la libération gay en France. Le Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire (FHAR). **Genre, sexualité et société**, n. 3, 2010. Available <<https://bit.ly/2B8ImCL>>. Accessed 15/04/2016.

_____. Mai 68: le Comité d'Action Pédérastique Révolutionnaire occupe la Sorbonne. **Genre, sexualité et société**, n. 10, 2013. Available <<https://bit.ly/2QtoViM>>. Accessed 15/04/2016.

SOS-HOMOPHOBIE. Enquête nationale sur la visibilité des lesbiennes et la lesbophobie. 2015. Available <<https://bit.ly/1Wc83sd>>, Accessed 25/03/2016.

SOS-HOMOPHOBIE. Rapport sur l'Homophobie. 2017. Available <<https://bit.ly/2ruo6Hx>>, Accessed 20/02/2018.

TAMAGNE, F. Histoire comparée de l'homosexualité en Allemagne, en Angleterre et en France dans l'entre-deux guerres. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 125, 44-49. 1998.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395-413, 1993a.

_____. Negotiating and Managing Multiple Sexual Identities: Lesbian Time-Space Strategies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 18, n. 2, p. 237-248. 1993b.

_____. Out and About: Geographies of Lesbian Landscapes*. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 19, n. 1, p. 96-111. 1995.

Girls Wanna Have More Than Fun: The Alternative Geography of Lesbian

Gathering in Paris

VALENTINE, G.; SKELTON, T. S. Finding Oneself, Losing Oneself: The Lesbian and Gay 'Scene' as a Paradoxical Space. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 27, n. 4, p. 849-866, 2003.

WITTIG, M. The straight mind. **Gender Issues**, v. 1, n. 1, p.103-111, 1980.

**Recebido em 03 de Março de 2018.
Aceito em 08 de Setembro de 2018.**

**Received in March 03, 2018.
Accept in September 08, 2018.**

Katerina Stamatopoulou

43